

**UM PEDIDO DE LICENÇA PARA ADENTRAR EM TERREIROCENA**Autor: Rodrigo Lopes Reis¹Orientadora: Suzi Frankl Sperber²**Resumo**

Com interesse em observar a musicalidade e o corpo de brincadores e artistas das cenas, a proposição da pesquisa interroga narrativas que figuras revelam. A partir disso, é questionado as possibilidades de como construir uma ponte do terreiro para o palco. Como desdobramento da pesquisa que se desenvolve em paralelo aos trabalhos realizados junto ao grupo Manjarra, é compartilhado um estudo sobre uma figura do Cavalo Marinho (Mateus) para abordar corporeidades em tradições. Além disso, cita o trabalho do grupo teatral Cia. Mundu Rodá como paradigmático para desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: Cavalo Marinho, Corporeidade, Cultura Popular, Figura, Mateus.

¹Doutorando no programa de pós-graduação da Unicamp. Mestre em Letras pela UNIFESP, sob a linha de pesquisa Estudos Literários – Questão de representação: formas estéticas, práticas retórico-poéticas e suas (re)apropriações. Possui formação em Teatro (Núcleo de Formação do Ator) pela Escola Livre de Teatro de Santo André. É integrante do grupo Manjarra e pelo grupo tem apresentado o espetáculo "Sambada de Reis" (direção de Alício Amaral e Juliana Pardo). E-mail: r291007@dac.unicamp.br

²Livre-docência em Letras pela UNICAMP (1998). Atualmente é professora titular colaboradora da Universidade Estadual de Campinas. Foi coordenadora do NUCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISAS Teatrais - LUME por treze anos (até sua aposentadoria compulsória), membro do conselho editorial de: Mafuá (Florianópolis), foi membro do conselho editorial da Revista ABP - Afrika Asien Brasilien. Publicou os livros Caos e Cosmos - Leituras de Guimarães Rosa; Guimarães Rosa: Signo e Sentimento; co-org. Língua e Literatura: o professor pede a palavra; Presença do sagrado na literatura. Questões teóricas e de hermenêutica; Identidade e Alteridade: conceitos, relações e a prática literária; Contadores de histórias da Amazônia ribeirinha; Ficção e Razão. Uma retomada das formas simples; co-autora de Teoria literária e hermenêutica ricoeuriana: um diálogo possível; Re-edição de Guilherme de Almeida: Natalika (Org., estudo introdutório e Glossário) e Encantamento. Acaso (estudo introdutório). Você e perto de 250 artigos. Deu cursos na universidade de Colônia, Alemanha (1989-1990). Vice-coordenadora do GT Literatura e Sagrado (ANPOLL). Coordenadora do simpósio Literatura e dramaturgia: entre o palco e a academia" (ABRALIC) de 2011 a 2018. Co-fundadora do Centro de Pesquisas Margens. Líder do Grupo de Pesquisa Pulsão de Ficção. Tem trabalhado com a questão de oralidade e o conceito e noção de pulsão de ficção. E-mail: suzispe@unicamp.br



Um Estudo de Corporeidade

Para o ofício do tradutor, que a grosso modo versa entre culturas, se faz necessário uma profunda intimidade com a língua materna e a língua estrangeira, além de dispor de conhecimentos extras sobre o domínio de ferramentas diversas. Ensaio confrontar o problema da partilha de uma pesquisa tal qual um tradutor e declaro a perplexidade: como elaborar na linguagem da língua escrita uma menor distância sobre as linguagens do Cavalo Marinho?

O Cavalo Marinho?

Cavalo Marinho é uma cultura, é uma estrela.

O Cavalo Marinho é uma estrela muito dominada.

O Cavalo Marinho é de cruz.

O Cavalo Marinho quando pega a brincá já toca uma rebeca, a rebeca tá encruzano o Cavalo Marinho.

O Cavalo Marinho brinca aico. Aqueles aico é encruzano o Cavalo Marinho.

O Cavalo Marinho é encruzado o Cavalo Marinho é benzido o Cavalo Marinho é abençoado. é uma estrela o Cavalo Marinho.

O Cavalo Marinho é onipotente, onipotente do céu, divina, nossa luz.

É o Cavalo Marinho.

(Lucindo, 2025, p. 18)

Numa sentença, poderia assegurar que Cavalo Marinho é manifestação de mundos. Escrevo Mundos, porque dentro desse universo observável, existem alguns brinquedos chefiados por alguns mestres. Contemplo então, tal qual uma constelação ou uma galáxia. Mesmo àquelas estrelas que atingiram seu apogeu, é provável um pequeno alcance de seu brilho após a morte³, poeira cósmica. Todavia, engrenando um paradoxo, por mais precisa e verdadeira a minha tentativa, não é possível um julgamento que apresente uma (aparente) resolução inquestionável que refere esse e outros folguedos sem

³ Diz um dito popular angolano: cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima.



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

I

assombro. Nem tenho interesse pelo peremptório. Persigo um pensamento analítico constelar.

A pesquisa em desenvolvimento considera a confluência entre o corpo do ator/ dançarino/ musicista e os corpos de instrumentos (por exemplo: a voz do artista e a sonoridade da rabeca) em *performance*. Por ora, considerando o contexto do Seminário Mário Santana, foi questionado como performar uma figura tão complexa como Mateus.

Pesquisas como essas (acadêmicas) costumam ter um aparente desenvolvimento solitário. Por vezes, dá-se a ver mais explicitamente a relação entre pesquisadores e orientadores. Como nesse caso assunto um festejo, não poderia deixar subentendido os convidados (eu não ando só). De que maneira melhor mostrar um jogo cênico (ou um dispositivo cênico) que acontece coletivamente?

Na ocasião do Seminário, o brincador Matheus Aquino também participou. Ele é integrante do Manjarra, grupo paulistano que se debruça sobre as danças e musicalidades da cultura popular brasileira, em especial o Cavalo Marinho. Matheus Aquino esteve presente para auxiliar na demonstração da chegada da figura Mateus.



Fonte: Day Ribeiro. Seminário de Pesquisas Mário Santana

Ainda considerando a experiência do Seminário de Estudos, o público/ a plateia acompanhou uma breve contextualização falada ao mesmo tempo em que viam um brincador “botando” a figura, isto é, enquanto eu discursava sobre o Cavalo Marinho, Aquino ia compondo a figura, vestindo cada elemento, cada componente de figurino, objetos e adereços, diante do público, até tornar-se Mateus. Depois de “botar” a figura, pude tocar rabeca e cantar a toada para que Mateus fizesse a sua chegada. Realizamos uma pequena apresentação da estrutura dramática dos primeiros momentos da figura na brincadeira.

Recentemente, organizado por Alício Amaral e Juliana Pardo (da Cia Mundu Rodá), foi publicado um esplendoroso livro que apresenta uma perspectiva do Cavalo Marinho na voz e memória do Mestre Inácio Lucindo do Cavalo Marinho Estrela do Oriente de Camutanga - PE. Dele, reproduzo um pequeno trecho sobre a figura Mateus. No entanto, para quem lê neste momento, faço um apelo para que imagine sobre a voz/ citação, alguém vestindo uma camisa e uma calça colorida, um matulão de folhas de



bananeiras amarrada sobre a cintura nas costas, um chapéu em formato de cone enfeitado com fitilhos multicores, o rosto sendo pintado de preto com carvão moído e, segurando na mão, uma bexiga de boi cheia:

Figura afro-diaspórica, seu rosto é melado (pintado) de carvão e suas roupas coloridas são feitas de tecido maleável, facilitando seus movimentos. Utiliza um chapéu em forma de cone enfeitado com fitas brilhantes (normalmente chicote ou papel crepom) e um matulão na cintura feito de folhas secas de bananeira que representa a “mudança” do Mateus, onde ele carrega todos os seus pertences. É uma das principais figuras da brincadeira, junto com as figuras de Bastião e Catirina. Juntos formam o trio de “palhaços da cara preta” e, além de fazerem graça, são também responsáveis pela proteção do brinquedo. Ao longo da brincadeira atuam de forma crítica e cômica, denunciando a exploração entre patrão e empregado. Representam os negros escravizados e/ ou libertos pós escravidão, e são contratados pelo Capitão Marinho para cuidar da festa. Mateus e Bastião utilizam bexigas de boi infladas com ar, como instrumento musical para marcar o ritmo da festa, e também como ferramenta da brincadeira para bater nas figuras e interagir com o público. São as únicas figuras que não saem do terreiro - depois que entram em cena, permanecem até o fim da brincadeira (Lucindo, 2025, p. 140).

Quadra imprecisa para compasso quaternário:

Fonemas onomatopaicos - cultura popular não domesticada

Mateus:	Riba Pareeeeeeeeeiaaa...
Rabeca	Chega pa gente Mateus , adeus mana.
e Voz:	Que eu não vejo ele chegá.
	Lelê o, adeus mana, Iaiá!
	Bravo, maná. Adeus mana, Iaiá.
Pandeiro:	/RRRRRRRRRRRRRRR/



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

I

/tata/

/tata/

Bage:

/t g d//t g d/ /t g d//t g d/

Mineiro:

/ch k t//ch k t/ /ch k t//ch k t/

A bexiga

/tum tum/

/tum tum/

:do nego

Mateus⁴



Fonte: Day Ribeiro - Seminário de Pesquisas Mário Santana

Nos primeiros estudos realizados, para botar no corpo a dança, o tempo, o raciocínio, a voz, procurei reproduzir uma chegada de figura acompanhando vídeos disponíveis na internet. Depois, estando em campo, foi importante observar o Cavalo Marinho na Zona da Mata Norte em Pernambuco e ver alguns brincadores em seu contexto original (isto é, nos grupos tradicionais). Vi o Cavalo Marinho Estrela de Ouro,

⁴ Figura da cara preta. O pó de carvão no rosto não só sublinha a melanina do brincador, refere sua ancestralidade. Penso que seja justo a grafia em destaque, uma vez que o negrume, como reforço do pigmento-melanina, é sua máscara.



do mestre Aguinaldo Roberto Silva, e o Cavalo Marinho Estrela Brilhante, da mestra Nice Teles. Também, na Paraíba⁵, pude ver o Cavalo Marinho da mestra Tina, o Cavalo Marinho Infantil Sementes do Mestre João do Boi.

Importante figura do folguedo, uma das primeiras a entrar na brincadeira e uma das poucas que permanece até o final. Mateus carrega muitos aspectos cômicos, mas também possui muitas responsabilidades. Por exemplo, cuida da brincadeira e dos brincadores impedindo intervenções inoportunas que podem atrapalhar a brincadeira.

Além de assistir ao Cavalo Marinho e brincar no Manjarra (oportunidade em que, no grupo, posso exercitar a figura no corpo), persigo ainda outras reflexões. Quais mitos, benzeduras, encantarias e engajamento político-social - material fecundo para construção cênica - podem ser identificados com sua presença?

Quando questionado sobre a origem do Cavalo Marinho, muitos mestres afirmam ter surgido no período da escravidão. Mestre Inácio Lucindo conta que

existia o nego cativo como diz a história. O Cavalo Marinho é surgido da sanzala. O Cavalo Marinho nasceu do engenho. Nasceu da sanzala. Por que o nego cativo trabalhava no engenho banguê, o engenho banguê é um engenho que moía, moía cana, fazia mel de cana e fazia açúcar de mel... chama engenho banguê. [...] aí os cativero parava, aqueles nego parava, ia simhora para casa [...] Aí o coco começava, o coco de roda ia até o dia amanhecê [...] ‘Mas é o seguinte... tem esse coco de roda... mas hoje é dia dos Santo Rei do Oriente. Que é que a gente vai brincar sobre o Santo Rei do Oriente?’ [...] Aí se arrumaram a história de brincar o Cavalo Marinho (Lucindo, 2025, p. 91-92).

Dado o contexto declarado por Mestre Inácio (também outros mestres, como por exemplo Seu Sebastião Martelo), e por ser uma figura afro-diaspórica como afirmado anteriormente, seria plausível uma análise arquetípica da figura Mateus baseada no orixá

⁵ Nesse caso, o trio não é formado por Mateus, Bastião e Catirina, como acima comentado. Nota-se uma diferença em um dos nomes, e, aparentemente, as figuras Mateus, Birico e Catirina realizam as mesmas funções.



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

Exu? Pois ambos são mensageiros, guardiões, arteiros, ardilosos, lascivos... Exu é intermediário entre deuses e humanos. Mateu, por vezes, é intermediário entre a figura do Capitão e as demais figuras, isto é, ele auxilia a chegada de figuras na roda da brincadeira. Além disso, intervém entre brincadores e público.

Os iniciados sempre alertam sobre uma importância de saudar Exu primeiro. Assim sendo, nesta pesquisa que ainda se encontra em estágio inicial, saúdo esta figura do Cavalo Marinho em reverência à ancestralidade: *Agô Mojubá! Laroyê. Riba Pareia!*



Fonte: Day Ribeiro - Seminário de Pesquisas Mário Santana

Referências

LUCINDO, Inácio. *Mestre Inácio Lucindo: uma vida vivida e invivida na vida do cavalo marinho*. Organização Alício Amaral, Juliana Pardo. Recife: Ed. dos Autores, 2025.

REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. Organizado Rodney William Eugênio. São Paulo: Arx, 2000.